

Poemas traduzidos

Vasco Gato

Tradução

AGORA HÁ LUZ...

Agora há luz, agora há o amarelo
tranquilo quando a noite foi já dormir.

Uma cabra desce a medo a Rua 14
entre as sarças da *cadenza* das coisas monótonas

que a lua convocara através das
suas sarjetas aguitarradas — Senta-te, rapaz!

Senta-te, Waldo, já disse! — pousando
a cabeça encaracolada no passeio, o marinheiro

descobre que o seu navio o vai arrastando devagar
para o porto, onde a espuma de óleo

lhe mareja os olhos enxutos com um
reflexo indiferente, desprovido de sol, inofensivo.

Capitão, ainda não é dia, mas já
estás de partida. E, ao nascer o sol,

o amarelo dissolve-se num branco ofuscante
que não é senão o reflexo da noite.

Frank O'Hara

O chão é algo contra o qual temos de lutar.
Embora pareça uma simples base para a postura
humana, é para lá que os homens caem.
Não estou tonto. Ergo-me como uma torre, um farol;
do meu rosto flui o raio claro da minha sciência.

Porém, entontecendo, estatelo-me no chão;
o rosto embate no chão, a atenção fica a sangrar
entre as fissuras do chão.

Caro lugar horizontal, não almejo ser tapete.
Não puxes pela complicada cabeça, esta titubeante
lâmpada de pavor e sonho...

Russell Edson

NÃO TE SALVES

Não fiques imóvel
à beira do caminho
não congeles o júbilo
não ames a contragosto
não te salves agora
nem nunca
 não te salves
não te enchas de calma
não reserves do mundo
apenas um recanto tranquilo
não deixes cair as pálpebras
pesadas como juízos
não fiques sem lábios
não adormeças sem sono
não te penses sem sangue
não te julgues sem tempo
mas se
 apesar de tudo
não puderes evitar
e congelares o júbilo
e amares a contragosto
e te salvares agora
e te encheres de calma
e reservares do mundo
apenas um recanto tranquilo
e deixares cair as pálpebras
pesadas como juízos
e te secares sem lábios
e adormeceres sem sono
e te pensares sem sangue
e te julgares sem tempo
e ficares imóvel
à beira do caminho
e te salvares
 então
não fiques comigo.

Mario Benedetti

TORTURADOR E ESPELHO

Olha para ti
assim

que caranguejo monstruoso atezou a tua infância
que sova paterna te fez covarde
que tristes submissões te tornaram desapiedado

não fujas aos teus olhos
olha para ti
assim

onde estão as valquírias que não venceste
a primeira marmitta das tuas cóleras

meteste-te em crueldades de onze varas
e agora o ódio segue-te como um abutre

não fujas aos teus olhos
olha para ti
assim

embora ninguém te mate
és cadáver

embora ninguém te apodreça
estás apodrecido

deus te proteja
ou melhor
deus dê cabo de ti.

Mario Benedetti

GANSOS SELVAGENS

Não tens de ser bom.
Não tens de andar de joelhos
percorrendo cem quilómetros de deserto, arrependido.
Só tens de deixar que o animal afável do teu corpo
ame aquilo que ama.
Fala-me do desespero, do teu, e eu falar-te-ei do meu.
Enquanto isso, o mundo prossegue.
Enquanto isso, o sol e os seixos transparentes da chuva
deslocam-se pelas paisagens,
pelos prados e pelas árvores recônditas,
pelas montanhas e pelos rios.
Enquanto isso, os gansos selvagens, guindados ao ar límpido e azul,
dirigem-se novamente para casa.
Quem quer que sejas, por mais solitário,
o mundo entrega-se à tua imaginação,
chama-te como os gansos selvagens, com aspereza e entusiasmo:
anunciando uma e outra vez o teu lugar
na família das coisas.

Mary Oliver

O RATO

No chão de um parque subterrâneo
encontrei um rato morto. Era de Inverno,
o mundo estava pardacento por fora e por dentro,
e o rato fazia parte de toda essa monotonia:
a parte mais pequena. Estava imóvel
como um rato de corda enfim esgotado,
embora ainda sobre rodas, com uma corrida louca
logo atrás de si, e comprimira
as patas debaixo do queixo
como se tivesse parado para farejar o limiar
de algo importante: um buraco de rato, porventura,
mesmo ali à frente do nariz e a dar
para fora do mundo. Tinha as costas arqueadas
para lá não entrar, e cada músculo
estava preso como uma mola.

Ted Kooser

DONEGAL

para a Ellie

Ardorosa, na praia de Rossnowlagh,
no último dia do Verão,
corrias pelas águas pouco fundas
livrando-te de sapatos e da camisa e da toalha
como se fossem as estações, os anos citadinos,
coisas que os meus braços apanhavam
enquanto arremetia atrás de ti, guardião ainda
da roupa seca, desse pequeno coração
à beira dos treze anos,
a arrostar as ondas
e a chamar-me para que
me juntasse à tua natação no Atlântico
no último dia do Verão.
Vi um homem nas águas pouco fundas
com as mãos cheias de roupa, cheias de
todos os anos,
e a sua filha a avançar
para onde ele sabia não poder segui-la.

Robin Robertson

PRIMAVERA

para a Cait

A borboleta-limão, de volta
às colinas ressuscitadas da Toscana,
vai passando a palavra
entre a verónica e a violeta
entre a anémoma e a celidónia.
Podia agora ir ter contigo a pé
com apenas a Primavera pela frente,
rumar ao Norte por terrenos planos
a três quilómetros por hora,
a seiva a deslocar-se comigo,
sob a erva levantada
dos campos
como um íman arrastado,
as luzes das flores
a chegarem em vagas,
caminhando entre a floração
e o renovo das árvores.
Se arrancasse agora,
podia levar-te a Primavera
para o teu aniversário.

Robin Robertson

CAÇA

Que devo eu pensar agora,
com a cauda branca
do seu traseiro
a desaparecer
descendo o meio lanço
de escadas alcatifadas
rumo à casa de banho?
Que devo eu fazer
com esta imagem mastreada?
Levo a minha dúvida inteira
à boca do seu corpo comprido,
deixo que me arranque a noite
como se fosse um espinho.
Ela tocou-o e ele mexeu-se: só isso.

Robin Robertson

REDIVIVO

Regressamos àquilo que regressa. Os nossos fantasmas
avançam por ruas que recentemente habitaram.
Encontramo-los em parques e cafés,
em restaurantes onde outrora os vislumbrámos a comer
e de onde olham agora para nos ver passar,
reconhecendo um quê de si mesmos.

Porém, quem é quem deixa-os confusos,
e levantam-se, deslumbrados, das cadeiras
e dirigem-se para a rua na esperança de nos seguirem
até a uma casa à qual possam pertencer.

Ardem-nos as pálpebras.
Pressentimos a vertigem de que sofrem.
Sofremos com eles. Desatamos a rir em momentos
esquisitos. Depois acordamos e levantamo-nos.

George Szirtes

QUE TEMPOS SÃO ESTES

Há um lugar entre dois arvoredos onde a erva cresce encosta acima
e a velha estrada revolucionária se desfaz em sombras
junto de uma casa de culto abandonada pelos perseguidos
que nessas sombras desapareceram.

Fui lá dar ao apanhar cogumelos rente ao pavor, mas não se deixem enganar
isto não é um poema russo, não é outro lugar senão este,
o nosso país a aproximar-se da sua própria verdade e pavor,
das suas próprias formas de fazer desaparecer pessoas.

Não lhes direi onde fica esse lugar, essa trama sombria de floresta
que se encontra com a ilesa tira de luz —
encruzilhadas cravejadas de fantasmas, paraíso de compostagem:
sei bem quem quer comprá-lo, vendê-lo, fazê-lo desaparecer.

E, se não lhes digo onde fica, porque é que lhes digo
o que seja? Porque ainda ouvem, porque em tempos como estes
para que sequer dêem ouvidos, é necessário
falar de árvores.

Adrienne Rich

A REBUÇADARIA ATRÁS DO CAMINHO DE FERRO AÉREO

A Rebuçadaria atrás do caminho de ferro aéreo

foi onde me apaixonei

inicialmente

pela irreabilidade

As gomas reluziam na penumbra

daquela tarde de Setembro

Pelo balcão circulava um gato entre

os pauzinhos de alçaçuz

e os caramelos

e as pastilhas elásticas

Na rua as folhas caíam conforme iam morrendo

Um vento expulsara o sol

Entrou uma rapariga a correr

Trazia o cabelo chuvoso

Os seios ficaram ofegantes ali na salinha

Na rua as folhas caíam

e gritavam

Cedo de mais! cedo de mais!

Lawrence Ferlinghetti

ERA minha intenção vir ter com ela;
Teve a Morte o mesmo desígnio;
Mas coube-lhe o sucesso, por sinal,
E a mim a frustração.

Era minha intenção dizer-lhe o quanto
Ansiei por essa única vez;
Mas o mesmo a Morte lhe dissera antes
E ela prestara-lhe atenção.

Errar é agora a minha residência;
Repousar... repousar seria
Um privilégio de furacão
Conferido à memória e a mim.

Emily Dickinson

LUZ DE SEGURANÇA

Esse brilho para lá da nossa janela não é uma estrela caída.
É a própria frivolidade. É o medo da noite
que fervilha num vizinho, pesadelo de criança teimosa.

Sonhei que perseguia corvos num negrume de névoa marítima
e vento nenhum, com o cheiro gélido da barrilheira e das coisas cambiantes,
ciente de que a orla do mar e a areia se cruzavam na morada dos peixes.

Vi as águas a desenrolarem-se ao encontro da água
que chegava, os pequenos caranguejos levantados das patas.
Vi o lugar de encontro dos corvos-marinheiros, as falésias

de ninhos defendidos das quais espiavam águias como reis saciados,
despertas, despertadas para a ampulheta movediça do mar
onde tudo se dissolve, onde a própria terra é derrubada.

David Mason